



GT 019. Antropologia dos estudos de folclore e cultura popular: imagem, corpo, ritual e performance.

Oswaldo Giovannini Junior (Universidade Federal da Paraíba) - Coordenador/a, Daniel Bitter (UFF) - Coordenador/a, Nilton Silva dos Santos (Universidade Federal Fluminense) - Debatedor/a, Lea Freitas Perez (Ufmg) - Debatedor/a

Na história da antropologia brasileira, os estudos em torno das culturas populares ou folclore tiveram destaque, desenvolvendo um campo de pesquisa com especificidade epistemológica e metodológica. Este GT propõe retomar esta temática, valorizando trabalhos etnográficos com especial atenção aos processos de construção do corpo, das imagens e do espaço em diálogo com a antropologia simbólica e dos rituais. Corpos e paisagens constituem o locus de realização concreta das festas, das sociedades e das culturas, assim como também as condicionam. Seu registro imagético está presente nos estudos e expressões da cultura brasileira e é usado como recurso metodológico para a elaboração do conhecimento etnográfico. A proposta destaca 3 eixos de investigação etnográfica e teórica: 1- na direção de uma antropologia dos estudos de folclore, focalizando as categorias, valores e práticas dos principais atores que constituíram o campo; 2- no sentido do estudo de festividades, ritos e celebrações sob novos enquadramentos teórico-metodológicos de uma antropologia simbólica e/ou de rituais, da performance, da perspectiva da corporeidade e da antropologia da paisagem; 3- referente às relações metodológicas e epistemológicas nas fronteiras da antropologia e das artes visuais, sonoras, imagéticas, cênicas. O GT pretende reunir pesquisas que valorizem as especificidades do campo de estudos da cultura popular em suas diversas dimensões e conexões com fenômenos contemporâneos da vida social.

Despir-se do mundo, vestir-se para o "santo": aspectos da liminaridade e da performance no Batuque sul-riograndense

Autoria: Carina Monteiro Dias, Rafael José dos Santos

O Batuque constituiu-se historicamente como a variante dos cultos afro-brasileiros predominante no Rio Grande do Sul, abrangendo parte de Santa Catarina e Paraná, estendendo-se também para algumas regiões de países platinos. Seus preceitos são repassados por meio da aprendizagem multissensorial, que envolve a oralidade, a repetição mnemônica da gestualidade, os modos de vestir-se e de lidar com as comidas sagradas e também por prescrições de cunho moral e ético nas preleções do sacerdote. A partir de uma etnografia em andamento em uma casa de Batuque, o Ilê Kabinda Kamuká Tubadê, situado na cidade de São Leopoldo/RS, focaliza-se, em particular, os trânsitos dos sujeitos entre os momentos sagrados e profanos, trânsitos de onde emergem uma multiplicidade de aspectos relacionados ao estar "dentro" e "fora" do contexto religioso. Ao escutar as falas de alguns neófitos a respeito de suas atividades profanas, chama nossa atenção um posicionamento contrário ao discurso religioso e aos preceitos morais afirmados dentro do terreiro, em particular os discursos sobre a valorização da vida humana por sujeitos ligados às profissões no âmbito da Segurança Pública. A questão que emerge, então, é a de como esses sujeitos que se tornam praticantes do Batuque, transitam na fronteira entre dois estados de existência: o de seu convívio social e o religioso, ambos repletos de convenções e dinâmicas variadas. Com o aporte teórico de Turner no que se refere à performance e liminaridade e por meio dos relatos obtidos no work etnográfico, objetiva-se refletir sobre como se dá o processo de transição do sujeito, do "cotidiano" para o "sagrado" e, nesta transição, as falas que, em princípio, aparecem como contraditórias. O vestir-se para o "santo" delimita uma transição a uma situação marcada por uma sequência de performances rituais, mas também a assunção de um discurso indissociável do tempo/espaço religioso, assim como o despir-se envolve não só o retorno ao tempo/espaço



profano, mas também a um universo de valores morais que permaneceu suspenso, mas não desapareceu. Uma das indagações que acompanha a etnografia diz respeito às possibilidades de interpretar a aparente contradição como ambiguidade, como elementos que são colocados e retirados de cena pelos sujeitos de modo igualmente performático através dos discursos. Trata-se, portanto, não de entrada e saída de situações rituais performáticas, mas, antes, de uma multiplicidade de situações de performances que envolvem tanto a liminaridade como o contexto cotidiano.



Realização:



Apoio:



Organização:

